



GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO: A ESCOLA ATUAL ESTÁ PRONTA PARA ESTA REALIDADE?

Jeferson Oliveira Gomes
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: jeferson.o.gomes@hotmail.com

Lidiane Sousa Trindade
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: lidiane.sousa.trindade@gmail.com

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, está sendo realizada, em uma escola da rede particular, do município de Barra do Choça-Bahia, situado a cerca de 27 km de Vitória da Conquista-Bahia. Pretende-se estender à uma escola da rede municipal do mesmo município. O interesse, surge a partir das leituras e discussões na especialização em Gênero e Sexualidade na Educação, curso promovido em parceria da Universidade Federal da Bahia – UFBA e a Universidade Aberta do Brasil - UAB que tem proporcionado possibilidades de refletir sobre esta temática tão importante para o momento atual. A partir das observações, e participações no cotidiano escolar, nota-se o quanto a comunidade escolar carece de preparação para tratar sobre questões de gênero e sexualidade para além da forma “biologizante”.

Com base nas leituras, discussões e documentários que assistimos durante as aulas, percebe-se que a escola é um campo de preconceitos e, infelizmente, não parte apenas dos estudantes, mas de toda a comunidade escolar. Lamentavelmente, adotam-se currículos tradicionais, e não tratam das questões de diferentes orientações sexuais, de gênero, e respeito ao próximo. Neste sentido, objetiva-se compreender como a comunidade escolar lida com as questões de gênero e sexualidade visando diminuir o preconceito e a evasão, e entender quais as dificuldades e desafios encontrados pelos docentes no cotidiano escolar para abordar sobre o respeito à orientação sexual dos alunos.

Diante disso, questiona-se: Como a escola trabalha o preconceito relacionado a orientação sexual tendo em vista a diminuição da evasão escolar? Os professores sentem-se preparados para lecionar conteúdos sobre gênero e sexualidade na escola?



Quais são os desafios enfrentados pelos docentes para ir além das normas estabelecidas pela sociedade e trabalhar os conteúdos sobre sexualidade sem pautar apenas nas questões biologizantes? A metodologia utilizada para construção desta pesquisa, em andamento, consiste em levantamento bibliográfico de autores que abordam sobre a temática gênero e sexualidade na educação, como: Colling (2018), Jardim (2011), Louro (2008) Scott (1995), Bezerra (2015), entre outros. No decorrer da pesquisa algumas visitas foram e serão realizadas em escolas da rede particular e pública do município de Barra do Choça, para observação, entrevistas, e participação em situações do cotidiano destas, a fim de compreender como são tratadas e vivenciadas as questões de gênero e sexualidade no cotidiano escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A categoria gênero é pensada como instrumento de análise para apontar as diferenças e hierarquias entre homens e mulheres, e desta forma, desnaturalizar os gêneros das pessoas, Colling (2018). Com base em Scott (1995), na gramática o gênero é compreendido como uma forma de classificar fenômenos. Para Jardim (2011), Gênero não significa uma variável que se refere ao masculino ou ao feminino como termos autônomos: vai além, pois está imbricado com o sistema de relações. Trata-se de um olhar para a diferença. Para Louro (2008), a construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas insinuam-se nas mais distintas situações, e é empreendida de modo explícito ou dissimulada por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais.

Conforme Colling (2018), quem está conformado, e se identifica com o gênero ao qual foi designado em seu nascimento, tem sido chamado, de cisgênero ou cisgênera. Ainda nesta perspectiva, Colling (2018), apresenta a ideia de Butler, e esta conclui-se que pensar o gênero como algo determinado pelo sexo é uma operação na qual exclui, de forma violenta, uma série de identidades de gênero, em especial as travestis, transexuais e outras identidades trans. Nesta perspectiva, Jardim (2011) traz o seguinte conceito de gênero;

[...] gênero é uma categoria complexa que está pautada nas relações de poder e está fortemente presente nas instituições sociais como forma de atribuir significados aos indivíduos a partir da diferença biológica – o sexo. Ao longo dos séculos, a sociedade avançou e o patriarcalismo apenas parece superado. Não é difícil, depararmos com perguntas do



tipo “quem dirige melhor: o homem ou a mulher” e obter como resposta como “a mulher é mais cautelosa, mais jeitosa, mais delicada” (JARDIM, 2011. p.52).

Com base nos autores citados, o conceito de gênero surge com debate e controvérsias, pois, vai além da dicotomia homem e mulher, tendo mais relação com identificação social. Teóricas e intelectuais disputem quanto aos modos de compreender e atribuir sentido a esses processos, elas e eles costumam concordar que não é o momento do nascimento e da nomeação de um corpo como macho ou como fêmea que faz deste um sujeito masculino ou feminino (LOURO, 2008).

Para Scott (1995), ao fazer uso errôneo da referência gramatical, as pessoas utilizam de modo figurado os termos gramaticais para evocar os traços de caráter ou traços sexuais. Ainda com base em Scott (1995) as feministas começaram a utilizar a palavra gênero como uma maneira de se referir à organização social da relação entre os sexos. Diante disso, chama-se atenção para a heterossexualidade compulsória estabelecida pela sociedade (COLLING, 2018), que consiste na exigência de que todos os sujeitos sejam heterossexuais, e se apresenta como única forma normal de vivência da sexualidade. A sociedade aponta um padrão a se seguir, e quem não se encaixe neste padrão sente-se errado e/ou culpado.

No que diz respeito ao cotidiano escolar, com base nas discussões, leituras no decorrer do curso, e nas observações na escola em estudo percebe-se, que tratar do assunto sexualidade na escola é uma “dificuldade”, primeiro porque o docente sente-se amordaçado, não tem autonomia ou preparação, e prefere se apoiar no livro didático, segundo porque ao tratar sobre sexualidade cabe ao professor ter cautela, a fim de não gerar “problemas” oriundos dos familiares para a instituição.

Diante do exposto, entende-se a importância de repensar o currículo escolar, pois conforme Araújo et al (2019) o currículo nos faz refletir sobre o papel da educação na atualidade, em que o acesso ao conhecimento não está limitado aos livros didáticos, que legitimam a escola como detentora do saber. Acredita-se que falar de sexualidade não é papel da escola, porém, Bezerra (2015), afirma que por ser uma necessidade básica do ser humano e por encontrar-se estritamente relacionada ao pensamento e à ação, a sexualidade é fundamental na formação da personalidade. Para Bezerra (2015), os professores não se envolvem com o assunto sexualidade na intensidade necessária e,



quando o fazem isto ocorre de forma reducionista, atendo-se apenas a questões biológicas de reprodução.

Precisamos nos preparar para sermos educadores, para fazer a diferença na vida dos alunos, contribuir na formação social, e humana deles. Bezerra (2015) argumenta que o professor deve ter a sensibilidade de entender cada sujeito. O autor acredita ainda que as etapas do desenvolvimento não devem ser queimadas, e sim respeitadas e vivenciadas de forma saudável e o professor precisa buscar entendimento necessário. A falta de formação docente é um obstáculo ao diálogo sobre gênero e sexualidade na escola. Conforme Bezerra (2015) não se pode negar as dificuldades, existe uma lacuna na formação docente no que concerne à sexualidade. Parafraseando este autor, os cursos de graduação não contemplam a temática, os licenciados saem da universidade sem habilidades suficientes para enfrentar a realidade em sala de aula.

Com um currículo escolar bem estruturado, uma formação acadêmica que dê subsídio aos professores e gestores escolares e com o apoio familiar, é possível tratar desta temática sem preconceitos e, colaborar a formação dos estudantes. Para Bezerra (2015), precisa-se quebrar tabus e paradigmas precisam ser desmistificados para que os educadores encarem o assunto com naturalidade, mas para isso é necessário formação específica. Bezerra (2015), traz um convite aos professores sobre as manifestações da sexualidade na escola; “Prezado professor, não é fácil encarar o dia a dia da profissão de mestre, no entanto, precisa-se ter a certeza que sua postura diante das manifestações da sexualidade proporciona ao seu aluno segurança e conforto emocional. O autor completa ... certamente você deitará todos os dias com a convicção de que sua missão enquanto educador está se cumprindo e que contribuiu para a formação de adultos saudáveis. (BEZERRA, 2015). O docente tem uma missão, uma responsabilidade frente às questões do cotidiano escolar, e cabe a estes buscar formação para exercer sua profissão de modo que ensinem os alunos a conviverem com respeito às diferentes orientações sexuais na escola.

CONCLUSÃO

Com base nas leituras, estudos e observações no cotidiano escolar, compreende-se que as escolas trabalham o respeito às diversidades como raça, etnias, mas evitam o assunto orientação sexual, pois tratar deste assunto seria um “problema” para o docente



e para escola, que saiu da “caixinha” da normatividade. A sociedade heteronormativa prefere deixar para as famílias o assunto sobre sexualidade. Os educadores apresentam elevada angústia quando se veem diante de perguntas sobre a sexualidade, muitas vezes por não saberem como dar as respostas necessárias. A carência de materiais adequados, a falta de conhecimentos teóricos, preconceitos, mitos e tabus – que a própria sociedade reforça – podem ser citados como fatores responsáveis por tantos educadores não aceitarem assumir este desafio (BEZERRA, 2015). A escola precisa, sair do comodismo tradicional e enfrentar a diversidade atual, e preparar a sociedade (alunos) para a realidade que perpassa os muros da escola. Muito ainda precisa ser feito para acabar o preconceito de gênero e sexualidade que constrange e discrimina as pessoas pela sua identidade, sua orientação sexual e sua forma de viver na contramão da sociedade heteronormativa compulsória.

PALAVRAS-CHAVE: Escola; Sexualidade; Gênero; Professor; Alunos.

REFERENCIAS

ARAÚJO, Denise Bastos de. SANTIAGO, Izaura da Cruz. DANTAS, Maria da Conceição Carvalho. Gênero e sexualidade na escola. Salvador. UFBA, Superintendência de educação a distância. 2018.

BEZERRA, Sergio Marcelo Salvino. **Sou professor como devo me posicionar diante das expressões da sexualidade infantil?** Revista Construir. Editora construir, N°.84. Ano 2015.

COLLING. Leandro. Gênero e sexualidade na atualidade. Salvador. UFBA. Superintendência de educação a distância, 2018

JARDIM, Silvia Regina Marques. **Entreaberto botão, entrefechada rosa: vivências da adolescência feminina em assentamento de reforma agrária.** Ano. 2011. Tese - Universidade Estadual Paulista – UNESP. SP.

LOURO. Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas.** Revista. Pro-Posições, v. 19, n. 2. 2008

SCOOT. Joan. Gênero: **Uma categoria de análise histórica.** In. Revista Educação e Realidade, 1995.